

A hand holding a pair of compasses is the central visual element, positioned over a cityscape background. The compasses are held in a way that suggests the act of drawing or measuring. The cityscape includes a prominent skyscraper with a distinctive top, and other buildings are visible in the background. The overall color palette is warm, with a mix of orange, yellow, and green tones. A large green diagonal shape is overlaid on the right side of the image, containing the title and publisher information.

Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)

# Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Bianca Camargo Martins**  
(Organizadora)

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
G345	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-452-8 DOI 10.22533/at.ed.528191007  1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.  CDD 711
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Um dos principais problemas estruturais do Brasil é a desigualdade social. O abismo existente entre as classes sociais é resultado de um sistema desigual que massacra e exclui a população de menor renda de modo contínuo desde o período colonial.

Hoje, quando olhamos para as cidades brasileiras, vemos claramente a materialização da desigualdade na paisagem urbana. Os efeitos nocivos da especulação imobiliária e a valorização do preço da terra se manifestam de diversas formas no urbano, seja na expansão desenfreada, nos vazios urbanos ou na multiplicação das ocupações. Os diferentes modos de habitar mostram que a segregação socioespacial está enraizada no cotidiano da população, desde os endereços mais privilegiados até aos assentamentos informais.

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços” mostra a importância da discussão sobre o direito à boa arquitetura, o direito à moradia e, sobretudo, o direito à cidade.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Certamente os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico.

Aproveite a leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SUA INFLUÊNCIA EM RESIDÊNCIAS DE SANTO CRISTO/RS	
Tais Elisa Schmitt Cornelia Kudiess Graciele Hilda Welter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
RESSIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM COMPOSITIVA	
Rômulo Abraão Lima dos Santos Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
PERMANÊNCIAS E INOVAÇÕES TÉCNICAS E ORNAMENTAIS EM CASAS SENHORIAIS URBANAS CONSTRUÍDAS PELOS BARÕES DO CAFÉ EM CAMPINAS – SP	
Renata Baesso Pereira Ivone Salgado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
EXPERIMENTAÇÕES ARQUITETÔNICAS COMO PROCESSO PROJETUAL E DE APRENDIZAGEM	
Sasquia Hizuru Obata Carolina de Rezende Maciel Milton Vilhena Granado Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>59</b>
REPENSANDO O ESPAÇO CONSTRUÍDO DA EDIFICAÇÃO ESCOLAR COM AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
CLASSE HOSPITALAR E BRINQUEDOTECA: PLANEJAMENTO NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA	
Joceline Costa de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>84</b>
MÉTODO DE AVALIAÇÃO E ANÁLISE PARA REFORMAS EM UNIDADES DE SAÚDE MUNICIPAIS SEGUNDO PRIORIDADES DE EXECUÇÃO	
Carlos Eduardo Gomes Engelhardt Edison Luiz Leismann Ana Paula Vansan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE NOS AMBIENTES DE SAÚDE	
Eleonora Coelho Zioni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
ARQUITETURA E SUSTENTABILIDADE: OS “SELOS VERDES”	
Mônica Santos Salgado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5281910079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>119</b>
UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DO TECIDO URBANO: O ESTUDO DE CASO DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO-SP	
Rafael Augusto Silva Ferreira	
Renata Baesso Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>140</b>
HETEROGENEIDADE DA FORMA DE UM SETOR URBANO NO DISTRITO DO TREMEMBÉ	
Adilson Costa Macedo	
Rodrigo Luz Damasceno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>156</b>
GOIÂNIA EM AGLOMERADOS: DESAJUSTES ENTRE O PLANEJADO E O CONCRETO	
Lídia Milhomem Pereira	
Ricardo Alexandrino Garcia	
Carlos Fernando Ferreira Lobo	
Paulo Eduardo Alves Borges da Silva	
Nayhara Freitas Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>168</b>
ENTRE CIDADE E CIDADANIAS: UMA REFLEXÃO SOBRE REFUGIADOS URBANOS NO RIO DE JANEIRO A PARTIR DA ÓTICA TERRITORIAL	
Natália da Cunha Cidade	
Marize Bastos da Cunha	
João Guilherme Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>180</b>
INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS E A PRODUÇÃO NEOLIBERAL DO ESPAÇO: O TRATAMENTO DA QUESTÃO HABITACIONAL NAS OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS DA CIDADE DE SÃO PAULO/SP	
Aline de Lima Zuim	
Carolina Maria Pozzi de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100714</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>196</b>
TRABALHO SOCIAL NO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: EVOLUÇÃO NORMATIVA E DESAFIOS	
Maria Gabriela Bessa Ruth Jurberg	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>208</b>
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE PELAS LUTAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE HABITAÇÃO: O CASO IZIDORA E A RESPOSTA DO PODER PÚBLICO	
Mariza Rios Renata Cristina Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>226</b>
A POBREZA INVISÍVEL	
Tales Lobosco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.52819100717</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>240</b>



## CLASSE HOSPITALAR E BRINQUEDOTECA: PLANEJAMENTO NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA

**Joceline Costa de Almeida**

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de  
Alagoas - UNCISAL  
Maceió, AL

**RESUMO:** Unidades de internação usualmente classificadas pelo tipo de pacientes que recebem ou pelo grau de complexidade do atendimento, sendo possível separar por faixas etárias, adultos, pediátrica, berçários, neonatologia e idosos. No planejamento hospitalar deve agregar ambientes quantificados e dimensionados de acordo com a RDC50/2002. O projeto arquitetônico que contempla internação pediátrica deve conter quarto e enfermaria destinados a crianças e adolescentes. A criança tem atividades interrompidas, brincadeiras e vida escolar, durante a hospitalização, havendo privação de companhias. A educação no ambiente hospitalar é um direito de toda criança ou adolescente hospitalizado. Mesmo havendo a obrigatoriedade legal, observa-se que os estabelecimentos voltados para internamento pediátrico não contemplam em sua totalidade classe hospitalar e brinquedoteca como espaços distintos. Quando não há a possibilidade de excluir a internação, para diminuir o desconforto da hospitalização, as atividades lúdicas têm surgido para fins de minimizar o estresse dos procedimentos e proporcionar momentos de

atividades construtivas à criança: salas de recreação, brinquedoteca, classes hospitalares ou oficina pedagógica. Trata-se de pesquisa explicativa, exploratória, descritiva, bibliográfica e infográfica com referencial teórico e empírico. Buscou-se exposição descritiva da infraestrutura do espaço físico necessário a uma internação pediátrica, estabelecimentos no Rio de Janeiro e em Brasília. Posteriormente expostos ambientes de classes hospitalares e brinquedotecas de estabelecimentos localizados em 02 regiões do país, Nordeste e Sudeste. A coleta de dados por observação de práticas existentes. Como resultado destaca-se a relevância da implantação das brinquedotecas e classes hospitalares nos hospitais e as contribuições para o processo de aprendizagem da criança internada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospital, Pediatria, Educação Especial.

### HOSPITAL CLASS AND PLAY AREA: PLANNING IN PEDIATRIC HOSPITALIZATION

**ABSTRACT:** Inpatient units are usually classified by the type of patients they receive or by the degree of complexity of care. Regarding patients, it is possible to separate the units by age groups, such as adults, pediatric, nurseries, neonatology and the elderly. In the planning of the hospital building should contain the

environments that must be quantified and dimensioned according to RDC 50/2002. The architectural design of the hospital that contemplates pediatric hospitalization should contain room and infirmary for children and adolescents. It should be noted that even though there is a legal obligation, health care establishments that are focused on pediatric hospitalization do not include the whole hospital class and toy library as distinct spaces. The child has his activities interrupted, such as play and school life, during hospitalization, with the family and colleagues being deprived. Education in the hospital environment is the right of every hospitalized child or adolescent. Given the scenario where there is no possibility to exclude hospitalization, to decrease the discomfort of hospitalization, play activities have arisen with the purpose of minimizing the stress of the procedures and provide moments of constructive activities to the child, such as: recreation rooms, toy library , hospital classes or pedagogical workshop. This is an explicative, exploratory, descriptive research, bibliographical and infographic research with theoretical and empirical reference. It was sought to complement the theoretical framework with the support of the empirical referential, with a descriptive exposition of the infrastructure component of the physical space necessary for hospitalization, in the pediatric public, an establishment in Rio de Janeiro and another in Brasilia. Subsequently, there was an exhibition of hospital class environments and toys of pediatric care centers distributed in 02 regions of the country, Northeast and Southeast. Data collection was done through observation of existing practices. As a result, the importance of the implantation of the toys and hospital classes inside the hospitals and the contributions to the process of learning of the interned child stands out.

**KEYWORDS:** Hospital, Pediatric, Special Education.

## 1 | INTRODUÇÃO

A internação é realizada para viabilizar o diagnóstico e tratamento de doenças mais complexas, por meio de recursos técnicos e acompanhamento integral. Ao estar hospitalizado ocorre uma ruptura na rotina familiar. Internado se depara com um espaço incógnito, pouco acolhedor, com procedimentos que se tornam atemorizantes (injeções, punções, biopsias, curativos, sondagens) e, conseqüentemente, podem distanciar o ser criança, do momento lúdico, do brincar e de tudo que faz parte da infância. A criança tem suas atividades interrompidas, como as brincadeiras e a vida escolar, havendo supressão da companhia dos familiares e dos colegas. Para atenuar o desconforto da hospitalização, as atividades lúdicas surgem com a finalidade de minimizar o estresse dos procedimentos e proporcionar momentos de atividades construtivas, como: salas de recreação, brinquedoteca, classes hospitalares ou oficina pedagógica.

Para amenizar o sofrimento da internação, nada mais atrativo do que jogos, brinquedos e brincadeiras inserindo-a num contexto “natural” dela, que é o brincar, que surge como uma possibilidade de transformar o cotidiano da internação. A

programação físico-funcional dos estabelecimentos assistenciais de saúde delimita e delinea no seu conjunto a listagem de atribuições de cada estabelecimento de saúde do sistema, define-se um estabelecimento específico. A arquitetura é mostrada como um espaço virtual, que à medida que coopera na performance das atividades em um estabelecimento de saúde, confirma o caráter de lugar, designando ou robustecendo um intercâmbio entre usuários e ambiente construído (OLIVEIRA, 2012).

A implantação de classe hospitalar em uma instituição hospitalar é de significativa importância, prestando atendimento a uma população que tem na educação sua principal via de cidadania e esperança de ascensão social. Assim, as ações educativas na classe hospitalar, surgiram como elemento integrador entre as áreas da educação e da saúde, possibilitando às crianças e jovens hospitalizados o que a lei garante: o direito a educação. Mesmo referendado pelo Estatuto da Criança e Adolescente de forma indireta, posto no artigo 11: “o atendimento integral à saúde da criança e do adolescente”, por vezes até os próprios profissionais da Educação desconhecem a possibilidade e/ou a existência desse campo de atuação. Ainda há leis federais que remontam à década de 60 do século passado, a exemplo da Lei nº. 1.044/69, referente ao atendimento domiciliar àqueles impossibilitados de frequentarem o ensino regular são pouco conhecidas e muitas vezes negligenciadas.

O brincar é direito da criança defendido por lei, a Constituição da República de 1988, no artigo 227, destaca que: “É dever da Família, da Sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, a saúde, a alimentação, à educação, ao lazer”.

Trata-se de uma pesquisa explicativa, exploratória, descritiva, pesquisa bibliográfica e infográfica com referencial teórico e empírico. A coleta de dados foi feita através de observação de práticas existentes. E como resultado destaca-se a importância da implantação das brinquedotecas e classes hospitalares dentro dos hospitais e as contribuições para o processo de aprendizagem da criança internada.

## **2 | PLANEJAMENTO FÍSICO HOSPITALAR**

Planejar cobre uma ampla variedade de atividades, das mais simples às mais complexas, desde a solução de problemas correntes até a determinação de ações que uma organização deve considerar para enfrentar o futuro incerto. Pode-se considerar como processo de tomada de decisões que permite a uma organização, atuar hoje com vistas a produzir resultados a posteriori (GONÇALVES, 1976).

### **2.1 Hospital**

A arquitetura de ambientes em saúde ultrapassa a composição técnica ao considerar questões não tangíveis, delimitadas por um espaço-tempo e vivenciadas por semelhantes, que incluem valores culturais e relações sociais dos indivíduos

assistidos. Assim, incorpora a indigência de promover a autoestima dos usuários e propor condições que estimulem relações múltiplas e benéficas entre usuários (pacientes, acompanhantes e funcionários) a fim de contextualizá-los no tempo e no espaço social do qual fazem parte.

Segundo a RDC 50/2002, há 08 (oito) atribuições de Estabelecimentos Assistenciais (EAS), dentre as quais está a PRESTAÇÃO DE ATENDIMENTO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM REGIME DE INTERNAÇÃO, que se trata do atendimento a pacientes que necessitam de assistência direta programada por período superior a 24 horas (pacientes internos).

## 2.2 Internação

Definida pela RDC nº 50/2002, como:

“unidade que atende a pacientes que necessitam de assistência direta programada por um período superior a vinte e quatro horas, a unidade de internação obriga o edifício hospitalar a possuir uma infraestrutura complexa, que vai dos cuidados de alimentação e rouparia aos mais avançados equipamentos de diagnóstico”. (BRASIL, 2004, p. 38)

A unidade de internação caracteriza o edifício hospitalar com aparente simplicidade e semelhança com a hotelaria. As atividades referentes a PRESTAÇÃO DE ATENDIMENTO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM REGIME DE INTERNAÇÃO são elencadas: 1- Internação de pacientes adultos e infantis; 2-Internação de recém-nascidos até 28 dias (neonatologia); 3-Internação de pacientes em regime de terapia intensiva; 4-Internação de pacientes queimados em regime intensivo. A atividade Internação de pacientes adultos e infantis objetiva-se a proporcionar condições de internar pacientes, em ambientes individuais ou coletivos, conforme faixa etária, patologia, sexo e intensividade de cuidados; executar e registrar a assistência médica diária; - executar e registrar a assistência de enfermagem, administrando as diferentes intervenções sobre o paciente; prestar assistência nutricional e distribuir alimentação a pacientes (em locais específicos ou no leito) e a acompanhantes (quando for o caso); prestar assistência psicológica e social; realizar atividades de recreação infantil e de terapia ocupacional; e prestar assistência pedagógica infantil (de 1º grau) quando o período de internação for superior a 30 dias.

Segundo a Portaria nº 1.101/2002, o tempo médio de permanência hospitalar em dias por ano por internação, varia de 3 a 45 dias, a depender da especialidade envolvida. Torna-se importante, portanto, aprimorar os ambientes hospitalares a fim de minimizar as intercorrências indesejáveis relacionadas ao espaço físico e contribuir com a redução de dias de internação.

Quanto a localização, a unidade de internação necessita do apoio de outras unidades funcionais do hospital, se relacionando essencialmente com o apoio ao diagnóstico e à terapia, notadamente aos setores: Centro cirúrgico; Imagenologia;

Métodos gráficos; Medicina nuclear; Patologia clínica; Nutrição e dietética; Processamento de roupa; Farmácia (LEMOS e SAPUCAIA, 2006).

## 2.3 Pediatria: Crianças e Adolescentes

Considera-se criança o indivíduo até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade. Nesta fase de vida, ambos estão em formação e desenvolvimento, tanto físico quanto psicossocial.

Quando a criança e o adolescente passam por uma internação, o curso de seu desenvolvimento é modificado, bem como a sua maneira de vivenciar o mundo, sendo que “a hospitalização na infância pode se configurar como uma experiência potencialmente traumática” (MITRE e GOMES, 2004).

A figura 01 elucida a inter-relação dos ambientes da unidade de internação Pediátrica na incumbência do projeto contemplar a área de lazer (brinquedoteca) e a sala de aula (classe hospitalar).



Figura 01: Relação funcional Internação - Criança/Adolescente

Fonte: Adaptado, SOMASUS (2013).

Diante das dificuldades passadas pelos pacientes pediátricos e seus familiares durante a hospitalização, afloram necessidades que solicitam espaço arquitetônico, que propiciem reelaborarem experiências, ordenando sofrimentos e frustrações e possibilitando que expressem sentimentos em relação ao momento particular que estão vivendo. Quando o espaço é projetado para a criança, a hospitalização pode ser percebida mais positivamente, sendo um auxiliar no processo de cura (BERGAN *et. al.*, 2009).

### 2.3.1 Classe Hospitalar

Em conformidade com a Política Nacional de Educação Especial (1994), a Classe Hospitalar é um dos serviços disponibilizados pela Modalidade da Educação Especial, que visa o atendimento pedagógico às crianças e aos adolescentes que, devido às condições especiais de saúde, encontram-se hospitalizados. As atividades numa Classe Hospitalar sempre devem iniciar-se com o levantamento do censo de pacientes internados, suas respectivas idades e condições para ir ou não à classe. O trabalho pode ser desenvolvido conjuntamente com a escola que a criança frequenta, através do acompanhamento das tarefas pela professora da classe hospitalar, ou na sala de classe preparada para tal fim, ou ainda no próprio leito, conforme a necessidade.

### 2.3.2 Brinquedoteca

A função da brinquedoteca, que se configura como um espaço destinado à brincadeira, onde a criança brinca sossegada, sem cobrança e sem sentir que está perdendo tempo, estimulando sua autoestima e o processo sócio-cognitivo (CUNHA, 2001).

Tratando-se de um espaço caracterizado por uma variedade de brinquedos, ou poucos brinquedos, ou até mesmo sem brinquedos, desde que outros estímulos às atividades lúdicas sejam proporcionados, ligadas aos jogos de correr, cantigas de roda, esconde-esconde, entre outros, cujo propósito é oferecer a criança/adolescente um ambiente agradável, cheio de magia, alegre e colorido, onde mais importante que o brinquedo é o ato lúdico que proporciona ao público infantil. A obrigatoriedade legal da lei federal nº. 11.104/2005 refere-se à instituição das Brinquedotecas Hospitalares como obrigatórias a todos os hospitais que tenham atendimento pediátrico, em consonância com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar, de 2001, e com a Política Nacional de Humanização, de 2005.

## 3 | PROJETO ARQUITETÔNICO, REQUISITOS E RESTRIÇÕES

O Ambiente do Estabelecimento de Assistência a Saúde é entendido na RDC 50/2002 como o espaço fisicamente determinado e especializado para o desenvolvimento de determinadas atividades, caracterizado por dimensões e instalações diferenciadas, observados no quadro 01.

Unidade/Ambiente		Dimensão (mín.)	Observações
Quarto	Criança	9,0m <sup>2</sup>	Área média: 10,8m <sup>2</sup>
Enfermaria		5,0m <sup>2</sup> /leito	Área média: 31,7m <sup>2</sup> (04 leitos)
Quarto	Adolescente	10,0m <sup>2</sup>	Área média: 11,m <sup>2</sup>
Enfermaria		7,0m <sup>2</sup> /leito (até 2)	Área média: 32,15m <sup>2</sup> (04 leitos) Distancia entre leitos = 1,0m Leito e paredes: cabeceira = inexistente; lateral = 0,5m; pé = 1,2m
		6,0m <sup>2</sup> /leito (3 a 6 - máximo)	
Sala de Aula	0,8m <sup>2</sup> /paciente (aluno)	Área média: 25,2m <sup>2</sup> (20 alunos)	
Área de Recreação/ Lazer / Refeitório		1,2m <sup>2</sup> /paciente (condições)	Área média: 19,45m <sup>2</sup>
Sala de Exames e Curativos		7,5m <sup>2</sup>	1 a cada 30 leitos (enfermaria que não tenha subdivisão física dos leitos )
Posto de Enfermagem/Prescrição Médica		6,0m <sup>2</sup>	1 a cada 30 leitos

Quadro 01: Unidade Funcional - Internação Pediátrica

Fonte: Adaptado, RDC 50/2002; Goés (2011).

O dimensionamento é expresso pela quantificação e dimensões espaciais do ambiente, ou seja, o tamanho do ambiente (superfície e dimensão), em função do equipamento e/ou usuários. Deverá estar relacionado à demanda pretendida ou

estipulada. A quantificação refere-se ao número de vezes em que o mesmo ambiente se repete. Os setores básicos de uma unidade de internação englobam duas áreas: a de quartos, enfermarias e a área de apoio. O quadro 02 expõe as especificações mínimas para os ambientes integrantes da unidade de internação pediátrica.

Unidade/Ambiente		Características
Quarto	Criança	Piso/Parede: Liso (sem frestas) monolítico, de fácil higienização e resistente aos processos de limpeza, descontaminação e desinfecção Teto: Resistente a lavagem e ao uso de desinfetantes Portas: revestida com material lavável; vão mín. = 1,1 x 2,1m; Possuir visor. Risco de transmissão de infecção: Área semi-crítica
Enfermaria		
Quarto	Adolescente	
Enfermaria		
Sala de Aula		Risco de transmissão de infecção: Área Não crítica*
Área de Recreação / Lazer / Refeitório		

Quadro 02: Características do Espaço físico - INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA

Fonte: Adaptado, RDC 50/2002; Goés (2011).

Observa-se que há a classificação de área não crítica de risco de transmissão de infecção\*, na área de recreação e sala de aula, contudo pela rotatividade e manuseio dos objetos componentes do ambiente faz-se necessário a higienização seguindo as regras/normas do estabelecimento, como o caso de livros de leitura, brinquedos, e superfícies em geral, conforme orientação da RDC 50/2002.

Procurar e receber a orientação da equipe do Serviço de Controle de Infecção da unidade. O brinquedista e o paciente devem sempre lavar as mãos ao entrar e sair da brinquedoteca ou de algum outro ambiente da unidade, para evitar qualquer possibilidade de transmissão de doenças ou infecção tanto para o brinquedista quanto para o paciente. (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Os pacientes que estão com infecções altas e que podem transmitir às outras crianças, ou aqueles que devem manter repouso impossibilitando-os de sair do leito, é interessante que tenha um transporte para levar o brinquedo até eles. Deve ser sempre lembrando que após o uso é de extrema necessidade a higienização. Para facilitar a higienização dos brinquedos é recomendado estabelecer uma rotina de higienização e armazenamento dos brinquedos.

O produto final do planejamento, que é o projeto globalmente considerado, deve atender a algumas condições fundamentais, em particular a flexibilidade, a funcionalidade e a concentração. Assim, como as unidades de internação têm vida útil muito mais longa do que as unidades de tratamento, aquelas devem ser facilmente renováveis sem alteração da estrutura das instalações básicas do hospital.

## 4 | LEVANTAMENTO EMPÍRICO

Buscou-se a complementação do referencial teórico com o suporte do referencial empírico, com a exposição descritiva da infraestrutura componente do espaço físico necessário a uma internação, tratando-se do público pediátrico, um estabelecimento no Rio de Janeiro e outro em Brasília. E posteriormente ilustrou-se os espaços referentes a classe hospitalar e brinquedoteca em diversos estabelecimentos de assistência a saúde distribuídas em duas (02) regiões (geográficas) do país, Nordeste e Sudeste.

### 4.1 Instituto Nacional do Câncer (INCA)/Seção de Oncologia Pediátrica, RJ

Funciona no 11º andar dispõe de diversas clínicas e da área de recreação infantil. As Enfermarias para pacientes infanto-juvenis estão localizadas no 5º andar, juntamente a Classe Hospitalar que tem como objetivo proporcionar o atendimento pedagógico à crianças e adolescentes portadores de neoplasia, em tratamento quimioterápico ambulatorial e assegurar a manutenção dos vínculos escolares, devolvendo a criança para sua escola de origem, com a certeza de que ela poderá se reintegrar ao currículo e aos colegas, sem prejuízo devido ao afastamento temporário. É realizado o atendimento escolar destinado a crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental internadas ou em tratamento ambulatorial (Pediatria / Quimioterapia / CEMO) no Instituto. As atividades escolares são desenvolvidas diariamente por duas professoras, que, inicialmente, procura-se descobrir as áreas de interesse do aluno para viabilizar sua expressão, possíveis dúvidas acadêmicas e a aquisição do vínculo, fator primordial para o aprendizado. A partir desse contato, são planejadas atividades que possibilitem a criança superar suas dificuldades e apropriar-se de novas habilidades e competências. Nas situações em que o paciente estiver inserido numa escola regular, é solicitado aos responsáveis que tragam para o hospital todo o material escolar da criança a fim de que seja garantida a continuidade do currículo desenvolvido pela escola de origem. A classe hospitalar funciona como uma escola comum, com provas, notas e tarefas, que são repassadas para uma planilha individual de cada paciente e depois para as respectivas unidades escolares, nos quais eles estão matriculados. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, das 7h às 11h30. A Brinquedoteca é um espaço lúdico do Hospital de Câncer I, instalada no mesmo andar onde ficam os 31 leitos da Oncologia Pediátrica, Cirurgia Pediátrica, Hematologia Infantil e CTI Pediátrico.

### 4.2 Instituto do Câncer Infantil e Pediatria Especializada (ICIPE), Brasília

Os pacientes submetidos a internação prolongada, o aluno internado contará com professora da classe hospitalar para ministrar o conteúdo de sua série nas escolas. Em caso de paciente submetido a internação curta, mas recorrente, o paciente receberá auxílio em suas tarefas escolares durante o período que está no hospital; a professora da Classe Hospitalar faz *link* com a escola do paciente no sentido de dar



esclarecimentos sobre sua doença e necessidades de reforços e concessões. E as brinquedotecas interativas, cujo espaço físico é dividido em “cantos” planejados para oferecer atividades que possibilitem experiências correspondentes às necessidades de cada etapa de desenvolvimento cognitivo e emocional, procurando respeitar, além disso, limitações físicas. 1. O canto dos bebês: destinado às crianças de 0 a 3 anos de idade com brinquedos que estimulem a percepção sensorial e coordenação motora além de bonecos grandes, bichos e acessórios; 2. O canto do faz de conta: oferece material facilitador para o jogo simbólico. Destinado a todas as crianças, oferecendo brinquedos que representam o mundo dos adultos e estimulam a imaginação a criatividade, em meio a bonecas, panelinhas, carrinhos, Consultório médico, supermercado e farmácia, dentre outras; 3. O canto da leitura e teatro: representa um convite à criança, ao adolescente e aos familiares para descobrirem juntos o prazer da leitura e da representação, estimulando sua fantasia e imaginação; 4. O canto da informática e jogos: espaço equipado com computadores, jogos eletrônicos, programas interativos, vídeo games, jogos de regras, de tabuleiro, cartas, quebra-cabeças, revistas e livros para diferentes idades.

#### 4.3 Unidades localizadas na região Nordeste

Em estabelecimentos de assistência à saúde, localizados em duas capitais da região Nordeste, as figuras 02 e 04 representam edifícios concebidos para atendimento pediátrico exclusivamente, pacientes oncológicos, e a figura 03 expõe um edifício hospitalar com toda complexidade de uma unidade de internação, adulto e pediátrico, exceto lactante e neonatal.



Figura 02: Maceió/AL



Figura 03: Maceió/AL



Figura 04: Fortaleza/CE

#### 4.4 Unidades localizadas na região Sudeste

A inclusão de Classe Hospitalar e Brinquedoteca em unidades de internação cuja atribuição seja assistência por período superior a 24 horas, atenção contemplada na região sudeste aqui exposta nas figuras 05 e 06, representada por exemplares de duas de suas três (03) capitais.



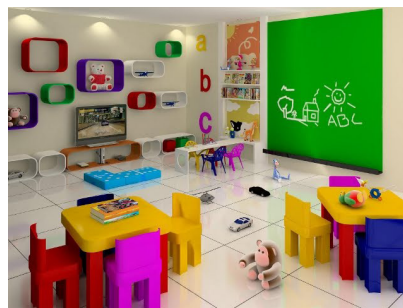
Figura 05: São Paulo/SP



Figura 06: Macaé/RJ

#### 4.5 Conceitos: Modelos x Não Padrão

Detalhes arquitetônicos específicos para as unidades de internação pediátrica, como, por exemplo, os elementos que promovem conforto visual como detalhes coloridos, iluminações em locais adequados, uso de cores e desenhos nas paredes, programação visual.



Figuras 07, 08, 09 e 10: Exemplos de propostas Classe Hospitalar/Brinquedoteca

### 5 | ASPECTOS FÍSICOS DO ESPAÇO, INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

Os ambientes são projetados com o propósito de favorecer o desenvolvimento e a construção do conhecimento para crianças, jovens e adultos, no âmbito da educação básica, respeitando suas capacidades e necessidades educacionais especiais individuais. Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas, com instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas. Além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-

se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao paciente por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram. O atendimento pedagógico poderá também ser solicitado pelo ambulatório do hospital onde poderá ser estabelecida uma sala específica da classe hospitalar ou utilizar-se os espaços para atendimento educacional.

Nas classes hospitalares, sempre que possível, devem estar disponibilizados recursos audiovisuais, como computador em rede, televisão, máquina fotográfica, filmadora, videokê, antena digital e aparelho de som, bem como telefone, com chamada a ramal e linha externa, rede de internet wifi. Recursos que se fazem essenciais tanto ao planejamento, desenvolvimento e avaliação do trabalho pedagógico, quanto para o contato efetivo da classe hospitalar, seja com a escola de origem do paciente, seja com o sistema de ensino responsável por prover e garantir seu acesso escolar. Da mesma forma, a disponibilidade desses recursos propiciará as condições mínimas para que o paciente mantenha contato com colegas e professores de sua escola, quando for o caso. Associadas as atividades desenvolvidas nas brinquedotecas, videotecas, bibliotecas e quaisquer ferramentas do acervo de estímulo cognitivo.

As brinquedotecas dentro de um ambiente, sobretudo lúdico, com característica de brincadeira, de jogo e divertimento, devem ser reservado ambiente para cada tipo de atividade, e conter mobílias infantis, roupas e casinha de bonecas (cozinha com pia de lavar, louça, geladeira, fogão, mesa, cadeiras, loucinhas, panelinhas e outros utensílios domésticos); espaço temático como hospital com uniforme de enfermeira, consultório médico, que serve para estimular hábitos de higiene e saúde; ou supermercado com carrinho de feira e coisas para comprar; ou camarim com espelho, fantasias, chapéus, adereços, bijuterias, maquiagem, roupas, sapatos, chalés, gravatas e fantasias.

Também pode reservar espaço para dramatização, onde as crianças com bonecos e fantoches, fantasias e todo o material “de faz de conta”, farão suas apresentações. Esse espaço deve ter tapetes e almofadas. Os livros são usados como brinquedos e não com seriedade com que seriam usados em uma biblioteca infantil. Estantes com livros, jogos, quebra cabeças que embora guardados estejam à disposição das crianças; e Estante de Brinquedos, separados de acordo com faixas etárias, para serem manuseados livremente, sugerindo diferentes formas de brincar. Com a dinâmica da atualidade, com a diversidade de dispositivos e ferramentas, pode-se prover espaço para as invenções, disponibilizando brinquedos que estimulem a criatividade. Ou acrescentar espaço de eletrônicos: computadores, jogos eletrônicos, criação de desenhos através de softwares.

As Características dos brinquedos, fabricados em material que propicie a assepsia, devem ser leves e resistentes, seguros e atraentes. A utilização de uma pintura alegre e com cores vivas é imprescindível para manter a atenção dos pequenos. Pontas aparentes e salientes devem ser abolidas, optando-se por brinquedos com cantos arredondados e, portanto, mais seguros.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instalações de Classe Hospitalar e Brinquedoteca tendem a propiciar a promoção de sua saúde física e psicológica e da melhor adesão aos tratamentos médicos. Uma Classe Hospitalar não é (ou não deveria ser) uma sala de aula tradicional, com bancas enfileiradas e quadro à frente, onde se lecionam disciplinas sequenciadas, tampouco é uma “salinha de brinquedos”, comumente usuários e até mesmo profissionais da equipe se referem ao local.

Nos diversos detalhes arquitetônicos devem ser identificadas e analisadas as vantagens e desvantagens dos materiais de acabamento a serem utilizados nos locais, para garantir funcionalidade, segurança e humanização. As questões de acessibilidade, os mobiliários adequados às crianças, as instalações necessárias e os aspectos do conforto ambiental. A atividade escolar e de lazer (recreação) no hospital contribuem para a diminuição do estresse causado pelas sucessivas internações, proporciona integração entre os profissionais e permite que o paciente sinta-se produtivo no seu papel de aprendiz. Isto favorece a construção do conhecimento e contribui para a promoção da saúde.

As classes hospitalares existentes ou que venham a ser instituídas deverão estar em conformidade com o preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e pelas Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS24HORAS. **Unidade Pediátrica**. Disponível em: <http://www.alagoas24horas.com.br/443590/unidade-pediatica-acolhe-16-mil-criancas-em-8-meses-de-funcionamento/> Acesso: 01/05/2016

ALBERT EINSTEIN. **Brinquedoteca**. Disponível em: <https://www.einstein.br/especialidades/pediatria/estrutura/brinquedoteca>. Acesso: 10/04/2018.

BERGAN, Carla; BURSZTYN, Ivani; SANTOS, Mauro César de Oliveira; TURA, Luiz Fernando Rangel. **Humanização: representações sociais do hospital pediátrico**. Revista Gaúcha de Enfermagem [online]. Porto Alegre (RS): 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472009000400011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472009000400011). Acessado em 06/05/2018.

BESTPLAY. Brinquedoteca hospitalar: tudo o que você precisa saber para montar uma. Disponível em: <http://blog.bestplay.com.br/como-montar-brinquedoteca-hospitalar>. Acesso: 12/05/2018.

BLOG BRINQUEDOTECAHSS. **Brinquedoteca Hospitalar “Doce Brincar”**. Disponível em: <http://brinquedotechss.blogspot.com/2010/07/voce-sabia-que-e-obrigatorio-existencia.html>. Acesso: 11/05/2018

BLOG NANCIPEDAGOGA. A importância da brinquedoteca na cura infantil. Disponível em: <http://nancipedagoga.blogspot.com/2013/05/a-importancia-da-brinquedoteca.html>. Acesso: 04/05/2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Presidência da República. 5 de outubro de 1988. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de

julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF

\_\_\_\_\_. **Lei Federal Nº. 11.104/2005.** Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **RDC nº 50**, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 20 de mar. de 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Programação Arquitetônica de Unidade Funcionais de Saúde.** Volume 2. Internação e apoio ao diagnóstico e terapia (reabilitação). SOMASUS. Brasília: 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.101**, de 12 de junho de 2002. Estabelece os parâmetros de cobertura assistencial no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. Brasília; 2002.

\_\_\_\_\_. MEC. SEESP. **Política nacional de educação especial.** Brasília, 1994.

CASA DA CRIANÇA. **Ala de Oncologia Pediátrica Ronald Vasco Junior.** Disponível em: <<http://www.projetocasadacrianca.com.br/index.php?p=unidade&id=47>>. Acesso em: 20/04/2018.

CASA DA CRIANÇA. **Centro Pediátrico do Câncer.** Disponível em: <http://www.projetocasadacrianca.com.br/index.php?p=unidade&id=52>. Acesso: 15/04/2018.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedos e descobertas.** Petrópolis: Vozes, 2005.

GÓES, Ronald. **Arquitetura Hospitalar.** São Paulo: Edgard Blücher, 2011.

HOSPITAL DA CRIANÇA DE BRASÍLIA JOSÉ ALENCAR. **Plano de Trabalho para Organização, Implantação e Operacionalização do Hospital da Criança de Brasília José Alencar.** Disponível em: [http://www.hcb.org.br/arquivos/downloads/plano\\_de\\_trabalho\\_hcb\\_2014\\_2019\\_anexo\\_ao\\_cg\\_001\\_2014.pdf](http://www.hcb.org.br/arquivos/downloads/plano_de_trabalho_hcb_2014_2019_anexo_ao_cg_001_2014.pdf). Acesso em: 01/06/2018.

INCA. **Classe Hospitalar do Centro de Oncologia Pediátrica.** Disponível em: [http://www1.inca.gov.br/conteudo\\_view.asp?ID=163](http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=163). Acesso em: 01/06/2018.

MITRE, Rosa Maria de Araújo; GOMES, Romeu. **A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde.** Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, J. **Humanização em Saúde: arquitetura em enfermarias pediátricas.** Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Universidade Federal de Juiz de fora, Juiz de Fora, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ. Educação implanta brinquedotecas no HPM. Disponível em: <<http://www.macaee.rj.gov.br/semmed/leitura/noticia/educacao-implanta-brinquedotecas-no-hpm>>. Acesso: 21/05/2018.

SAPUCAIA, J. N. S. B; LEMOS, J. A. **Unidade de internação pediátrica.** In: CARVALHO, A. P. A. (Org.). Quem tem medo da Arquitetura Hospitalar? Salvador: Quarteto, 2006. p. 135-149.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-452-8

